



**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES



**ROCÍO DE ROY**

GRANDE BAILARINA  
DE ESPANHA

Foto Jorge Garcia

**ANO V**

**PREÇO AVULSO 1\$80 / 13 DE DEZEMBRO DE 1945 N.º 239**

# PRIMEIRA COLUNA

## SERVIRÁ O EXEMPLO?

POR ANIBAL NAZARÉ

**A**O contrário do que tem acontecido noutras guerras, os homens que tomaram sobre seus ombros a responsabilidade tremenda do último conflito mundial já pagaram ou vão pagar caro o seu crime. Guerras tem havido em que os vencidos, por coincidência seus causadores, acabam, pacatamente, os seus dias em qualquer castelo antigo, lido, tranqüilamente, nos jornais do mundo, as notícias do rescaldo da catástrofe.

Nesta última Grande Guerra, o caso tomou outros aspectos: — Investigações, prisões, julgamentos, a morte dos principais causadores do conflito, enfim, a máquina sempre tão complicada da justiça humana, a trabalhar em plena actividade, e com rapidez incrível — que enquanto o ferro está quente é que se deve bater...

Ignoramos até que ponto esta atitude dos vencedores conseguirá evitar futuras guerras.

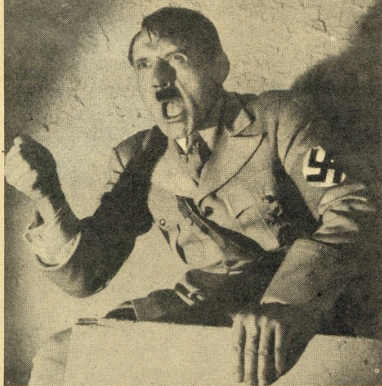
Mas a verdade é que se entrou, sem dúvida, num caminho novo. Porque, de futuro, os homens dispostos a ocasionar novas lutas entre os povos pensarão duas vezes, a menos que a cegueira e a sede da conquista os façam esquecer o passado, e os seus fantasmas...

Servirá o exemplo tremendo que as Nações Unidas estão dando, ou pretendendo dar ao mundo?

Não o sabemos, nem podemos acreditar que alguém o saiba.

Mas, segundo a sincera expressão dum senador americano, poucos anos viverá quem não tenha de assistir a nova guerra...

E, a termos de dar razão ao político americano, isso será uma tremenda, uma indiscutível resposta...



## COMO TERIA MORRIDO HITLER?

### Os americanos fizeram um filme sobre a possível existência dum sócia do Führer

Chama-se Ludwig Donath, o artista de Hollywood especialista em interpretar Hitler, na tela.  
E foi por isso, o escolhido para o principal papel do filme «A estranha morte de Adolfo Hitler», que a Donner Films apresenta.  
Aqui o vemos numa das cenas mais emocionantes do filme, e maravilhosamente caracterizado, com o leitor concordará.

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

## VAMOSTER ESENHOS ANIMADOS

### FEITOS EM PORTUGALI

Uma entrevista com Teixeira da Fonseca, jornalista cinematográfico e cineasta premiado no Concurso da Casa Pathé

**D**OMINADO pela arte do cinema, Teixeira da Fonseca é um novo chelo de possibilidades, que tem dedicado o melhor do seu esforço ao desenvolvimento dos desenhos animados no nosso país.  
Os seus antecedentes não foram menos brilhantes no nosso meio tão limitado, visto que, como assistente artístico, cabeleira grande parte da obra agora iniciada e que é merecedora dos melhores elogios. Encontrámo-lo a descer a Avenida e principiámos mesmo ali a entrevista.  
—Olá, Teixeira da Fonseca... Conceda-nos umas momentos?

—Estou a vossa inteira disposição... Que desejam?  
—Umhas palavras...  
—Advinhei logo. Conheço essa maneira de começar!  
—Diga-nos... Abandonou o jornalismo?  
—So temporariamente. Espero voltar em breve a minha actividade.  
—Quando começou a escrever?  
—Num semanário académico. Publicou-se no Liceu Camões. Foi o editor e director. Também o vendia, na falta de pessoal...  
—E depois?  
—A carreira não foi longa. Tivemos que terminar os nossos trabalhos por motivos de ordem financeira. Mais tarde, transitámos para a «Fimagine». Escrevi crónicas ligeiras sobre cinema e algumas divagações a que dei o nome de «Miragens».

—Também escreveu um livro...  
—Sim... Tem por título «Cinemas», e é uma «charge» da vida dos nossos estudiosos...  
—Mais algum no prelo?  
—Tanto não direi. Tenho dois a começar: «Mentio Velhos», um romance, e «O Págo Escarlate», ensaio de critica.  
—Escrtores seus preferidos?  
—Eça de Queiroz... Eça de Queiroz e Eça de Queiroz...  
—E o nosso entrevistado acompanhou a frase com uma das suas risadas de estilo... E entrevista recomçou:  
—E escritores estrangeiros?  
—Shaw, John Steinbeck e Ernest Hemingway...

—No nosso teatro tem preferência especial?  
—Ramada Curto, Carlos Seivagem e o falecido André Brun.  
—Os seus actores favoritos?  
—Maria Matos, Lucilla Simões, Alves da Cunha e António Silva.  
—Vocês tem acompanhado o movimento literário. Qual, de entre os ultimamente publicados, os seus livros preferidos?  
—«Ratos e Homens», de Steinbeck, e «Vindimas», de Miguel Torpa.

—Vocês trabalham no Rádio...  
—Sim. Na «Voz de Lisboa» como chefe dos serviços de produção. Também apresentei um programa: «A voz do cinema»...  
—Artistas da Rádio preferidos?  
—Maria Cândida, Maria Saldão e Curado Ribeiro.  
—Locutores?  
—Olavo de Ega Leal e Artur Agostinho.  
—Produtores da Rádio?  
—Francisco Mata e também o Olavo.  
—E programas?  
—«Enciclopédia» e as «Sinfonias Bárbaras».  
—Realizadores do nosso cinema?  
—António Lopes Ribeiro e Brum do Carmo...  
—E artistas?  
—Barreto Poetra e Milita Meireles...

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO  
EDITOR: PEDROSA MARTINS  
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"

—Consto-nos que tem dedicado a atenção ao desenho animado em Portugal...

—Tenho estudado com Servais Telo esse problema. Não é ainda uma iniciativa gigantesca, mas de vagar se vai alongar...

—Encontra possibilidades na vida? —Até certo ponto. Artisticamente nos faltam valores, principalmente no senso imaginativo. Não precisamos de correr a motivos da casa do vizinho, podemos criar tipos perfeitamente de modalidade e de recorte intelectual português. A parte técnica é que mais apreensões. Mas, também se por ser resolvida a contento.

—Tem trabalhado na especialidade? —Como assistente artístico de Servais Telo, uma grande promessa neste campo colaborei em «Automatna», que obteve 1.º premio da casa Pathé, conferido a Lopes Ribeiro...

—Consta-nos que o grande cinefílico bem impressionado...  
—Sim. O nosso esforço foi bem recebido pelo realizador. Mas os louros feitos cabem a Servais Telo.

E acrescentou:  
—O desenho animado português, bastantes condições de agrado e podem criar-se boncos com verdadeiras personalidades, que não ficam a per de vista das maravilhosas criações Disney e Rudolf Ising.

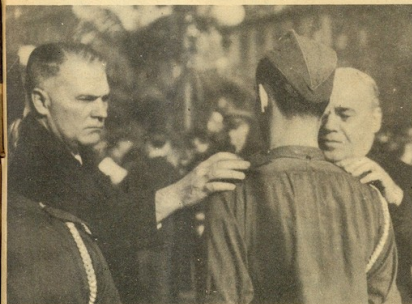
—Também estamos de acórdão...  
—Tenho acompanhado de perto o género de cinema e tenho lido muito seu respeito. Ultimamente tive conhecimento de que Edmond Lassalle vai parar com Walt Disney, um filme de mensagem sobre motivos portuges e espanhóis. Goofy, no campo do teatral, Donald, do marinho, e portugueses dariam a Disney uma oportunidade táctica de retratar geralmente aspects da vida do nosso povo.

—Outros trabalhos no cinema? —«Acaros», um pequeno filme conseguido a 2.ª Menção Honrosa mesmo concurso...  
—Outros projectos?  
—Um conjunto musical «Ritmo Melodia», de colaboração com o «Clube», presentemente em formação. Depois, um filme profissional de desenhos animados, dirigido por Servais Telo, a lerda primeira guitarra, adqã dum história de José Rau. E um mais lindos contos que tenho lido. Negligiam-se pessoas e boncos e o aumento lento da nossa guitarra es tituirá o momento mais belo do filme.

—Não acredita que tem por B. Junqueira, e «Gringo», de Gaspar Nuno Fernandes, estão dentro do programa.  
—Parece-lhe, Teixeira da Fonseca, a frente é que é o caminho.  
—Cá vamos andando. Vontade não falta e dinheiro também parece-me não. O cinema interessa-me vivamente. Espero dedicar-me a esse corpo e a esse destino, em breve, em breve, em Espanha, onde permanecerá num dia algum tempo, em período de estadia. Não acredito, em breve, em breve. Novamente em largas passadas, acena com a mão... Não gagueie, não gagueie. De vagar se vai ao longe, Teixeira da Fonseca...

—De vagar se vai ao longe, Teixeira da Fonseca...  
Mas... ée ainda teria ouvido?

# AS COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO EM LISBOA



O sr. professor Caetano de Mota procedendo à imposição das insígnias aos novos graduados da M. P.



Outro aspecto do desfile do M. P.



Os srs. ministro e sub-secretário da Educação Nacional com o sr. Comissário da Mocidade Portuguesa, dr. Neves Franco, depondo flores no pedestal do monumento do Restauração.



## O COMANDANTE JOSÉ CABRAL CONDECORADO PELO GOVERNO AMERICANO

José Cabral, actualmente em serviço na Aero-Portuguesa, com o grau de oficial da «Legião de Méritos».

Trata-se da mais alta distinção que pode ser concedida pelo governo americano a um oficial estrangeiro, e traduz o reconhecimento pelos relevantes serviços prestados durante o período mais agudo da guerra, quando os Estados-Unidos consideravam da maior importância a ligação aérea entre Lisboa e Marrocos.

**N**À Legação dos Estados-Unidos em Tânger, realizou-se, há dias, na presença do sr. administrador Magalhães Correla, administrador da zona Internacional, e de outras individualidades, a cerimónia da condecoração do capitão-tenente

## PATIOS SEM SOL, ALMAS SEM LUZ

**O**S recantos de Lisboa, vielas adormecidas e pátios tristes onde não há sol, há um mundo sofredor por onde a poesia e o sentimento vão de jornada à procura do pitoresco e da rima. Só assim é possível encontrar nas ruelas estreitas, bañetas, negrejadas de miséria, aquela toada singela que o soneto diz ser «alegria dos pobres».

Há quem julgue que a gargalhada simboliza um estado de alma — e é, até certo ponto, um índice de alegria. Todavia, se tivermos presente o pensamento do filósofo francês que diz ser o riso vizinho da lágrima, já nos devemos deter à espera duma melhor interpretação.

O homem é um mágico, é o maior actor desta farsa que se chama vida. Ele representa como ninguém. Sabe criar, com raro poder de máscara, as mais vigorosas interpretações.

Diante dum esquife é capaz de, desgrenhado, patético, urrando de dor, amaldiçoar a vida, quando, no íntimo, ele deleita a ambição por aquela morte tão desejada no ouro da herança. Por outro lado, será um «arlequim» gusalhando de alegria, rindo alto como um bobo desesperado — quando, na alma, vai um tumulto de lágrimas prontas a rebentar de dor...

Há cínicos de angélicos menelos — palavrinhas mansas, medidas utuosas de sacristão encartado, verdadeiros messias das promessas — que são capazes de envenenar, às escondidas, a família ninteira — e de queimar em consoladores autos-de-fé as melhores amizades.

Outros parecem a caridade personificada, espalhando esmolas à vista de toda a gente, andando a apregoar, com os tostões dos bolsos, a miséria que anda lá dentro — e, sempre curvados, prestáveis, atenciosos, esgrimem, rancorosos, as navalhas da tráfego.

Ah! para onde vamos?

Vinhemos a falar dos pátios tristes, sem sol, das vielas escuras — e, agora, estamos nos homens e nos seus defeitos.

Enfim — identifiquem-se.

Há almas de homens que são vielas de lixo — pátios sem sol.

Podem trazer a indumentária que a sociedade, no convívio, lhes considera.

Mas de nada serve.

Não há alfaiates para as almas como os há para o corpo.

Porque, senhores, quem veste as almas são as acções.

MANUEL MARTINHO



# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXIX

#### A superioridade dos aliados afirma-se

A actividade aérea sobre a Alemanha intensificou-se incessantemente no longo de todo o ano de 1942, embora não houvesse inteiramente correspondido às esperanças que tinha suscitado a realização dos ataques sobre Colónia e o Ruhr. Mesmo assim, foi possível assinalar, nos seus dois meses, oitenta e oito ataques de grande envergadura contra vinte e dois dos mais importantes centros industriais alemães, o que representava uma média, já bastante elevada, de quatro ataques formais contra cada um desses centros. Essa média significava claramente que, apesar das dificuldades do tempo e da oposição do inimigo, o plano de destruição, preparado pelo marechal do Ar, Harris, e pelo general da aviação norte-americana, Arnold, estava a ser executado com toda a energia.

Entre os principais centros industriais bombardeados no decurso de 1942 contavam-se Flensburg, na costa do Báltico, Osnabrück e Krefeld, Hanover, Colónia e o Ruhr, Hamburgo e Duisburgo, Stuttgart e Francfort, e, finalmente, Munich, berço do nacional-socialismo e grande centro de produção de guerra. Em Outubro, a aviação aliada atacou violentamente toda a região industrial do norte da França compreendida entre Nieuport e o Havre, verificando-se que essa região se encontrava fortemente defendida pela caça alemã, cujos aparelhos apareceram em grande número, revelando as respectivas tripulações um elevado espírito combativo.

Este facto significava que o comando da Luftwaffe estava debruçado a travar luta, com os recursos de que dispunha, sobre os territórios ocupados da Europa Occidental, de preferência a deixar que os combates em que a sua caça se opunha à penetração da aviação aliada se travassem sobre o território nacional com os efeitos demoralizantes e consequências desagradáveis típicas sempre para o moral da população. Esta decisão não tardou a ser confirmada por outros factos ocorridos posteriormente, e que a demonstraram de maneira inequívoca e reveladora, o que, apesar de tudo, o poder da

Luftwaffe não deixava de enfraquecer visivelmente à medida que o tempo decorria e se intensificavam os ataques aéreos dos Aliados sobre os centros industriais da Alemanha.

#### A TRANSFERÊNCIA DE UMA PARTE DAS FABRICAS DE MATERIAL DE GUERRA ALEMÃO PARA A EUROPA CENTRAL E ORIENTAL

Assim, ainda durante o mês de Outubro se registou uma série de combates muito violentos, quando os bombardeiros Aliados atacaram, em extraordinária violência, a região industrial de Lille, no norte da França e, pela segunda vez, bombardearam a região do Havre e as fábricas da Crefol. No final desse mês, e nos primeiros dias de Novembro, os ataques aliados incidiram com uma extensão maior, sobre os portos da costa atlântica, especialmente Lorient e Cherburgo, sendo igualmente de assinalar uma viva oposição da caça alemã.

Finalmente, em Novembro e Dezembro, na medida em que as condições de tempo o permitiam, foi ainda sobre o litoral e o norte da França que se registaram os duelos mais violentos entre as duas aviações, especialmente quando os bombardeiros aliados passaram a atacar sistematicamente os ninhos de submarinos controlados pelos alemães na costa atlântica, Brest e Saint-Nazaire, La Pallice e Lorient, além do porto do Havre, que foi, sem dúvida, o que mais vezes foi visitado, sofrendo estragos muito sensíveis nas suas obras e instalações.

Mas não foi apenas sobre o território francês que a aviação de bombardeamento aliada intensificou a sua actividade, embora ali se fizesse sentir, de maneira mais eficaz, a sua acção. Os territórios ocupados da Noruega, dos Países Baixos e da Bélgica foram igualmente visitados, com uma frequência sintomática, e os seus centros principais atacados, travando-se violentos combates com a Luftwaffe que, nesses territórios, como já secenturamos, se revelava mais activa e eficiente do que sobre o território alemão.



HENRY ARNOLD, general da aviação norte-americana

Entretanto, os alemães procediam, na medida das suas possibilidades, a transferência sistemática de muitas das suas instalações industriais para pontos menos vulneráveis da Europa Central e Oriental, para a Austria, para a Checoslováquia e para a Polónia, a fim de corresponderem aos ataques sistemáticos de que o seu território estava a ser objecto por parte da aviação anglo-americana.

#### COM O COMEÇO DO ANO DE 1943 A GUERRA AÉREA SOBRE A ALEMANHA E OS PAÍSES OCUPADOS INTENSIFICOU-SE

O carácter desta ofensiva sofreu uma transformação radical com o começo de 1943, que veio a ser um dos mais notáveis, sob o ponto de vista das realizações e das proezas aéreas, por parte dos Aliados. Dir-se-ia que tudo tinha sido pacientemente preparado para que, com o início do novo ano, começasse o início duma fase da ofensiva aérea, a qual havia de se revelar fértil em consequências desastrosas para a economia do Reich e para o seu estirpe de guerra, sobretudo pela coincidência com a série de desastres militares que a Wehrmacht começou a suportar nos campos de batalha terrestres.

Logo nos primeiros dias de Janeiro se registaram alguns êxitos em grande escala que atingiram o Ruhr e se alargaram até ao norte da França. No dia 16 registou-se um dos mais intensos ataques nocturnos sobre Berlin, sendo enormes os estragos na capital do Reich, onde foram atingidos alguns edifícios do governo, da administração e do partido. No dia seguinte houve um novo ataque de idêntica intensidade e com idênticos resultados. Sobre Berlin foram lançados milhares de bombas incendiárias e explosivas, registando-se um sentimento de desânimo crescente entre a população berlinesa. O número dos que ficavam sem abrigo crescia incessantemente, sem que o governo pudesse dar qualquer remédio a uma situação que se agravava de dia para dia.

Antes que Janeiro findasse, os americanos realizaram os seus primeiros êxitos de envergadura sobre a Europa, atacando, à luz do dia,

#### OS NOVOS MODELOS DE AVIÕES QUE OS ALIADOS E OS ALEMÃES COMEÇARAM A UTILIZAR A PARTIR DE 1943

Depois de Berlin, os anglo-americanos voltaram as suas atenções novamente para Hamburgo e para a região industrial em volta da cidade, que ficou sendo a mais bombardeada da Alemanha. Dois ataques diurnos dos americanos revelaram imediatamente que o poder aéreo dos Estados Unidos no teatro de operações europeias havia aumentado de maneira notável durante os últimos meses, e que os seus aviadores se haviam adestrado para todos os vãos indicados pelos aperfeiçoamentos da técnica aérea.

Simultaneamente, a R.A.F. dedicava-se a atacar as regiões industriais da França e os portos franceses de Tours, Saint-Malo, Dunkerque e Lorient, bem como a zona de Tours onde os alemães haviam concentrado diversas fábricas.

Foi em Fevereiro de 1943 que os "Mustangs", cujas experiências se haviam realizado em condições satisfactorias no final do ano anterior, começaram a fazer sentir a sua acção, a qual, mais tarde, se tornaria verdadeiramente notável.

Tanto os Aliados como os alemães haviam, entretanto, aperfeiçoado as suas construções e feito experiências com modelos novos de aparelhos melhorados num grau que certamente autenticadas seriam as suas performances beligerantes não podiam supor no início das hostilidades. Os alemães, contudo, não se haviam aperfeiçoado a sua mais poderosa arma defensiva para a guerra aérea no ocidente, e empregaram,

(Continua na página 14)

## PARA UM BRINDE ÚTIL E DE BOM GOSTO

visitem

Artes Decorativas

RQUISSIMO SORTIDO DE ARTIGOS DE ARTE, CRISTALARIA, TALHERES, ETC.  
NOS SEUS SALÕES DE EXPOSIÇÃO DA RUA DO OURO, 280-284

# CALÇADA DA GLÓRIA

## NOTA OFICIOSA



### ANTÓNIO JOYCE

Dô-Ré-Mi-Fá-Sô-Lá... Fá-Sô-Lá-Dô-Ré-Mi... Era assim, por música, que deveria começar uma biografia de António Joyce, a alma, o nervo, a batuta e o monóculo do mais falado orfeão de Coimbra. Mas nem isto é uma biografia, nem nós de música conhecemos mais do que o assobio. De resto, quem há, por aí, que não conheça este «Príncipe Jacintos do ritmo e da harmonia, para quem o homem não devia falar, mas cantar, e cuja concepção filosófica o leva a considerar, como os grandes génios da humanidade, nada mais nada menos... do que os rouxinóis! António Joyce formou-se em Direito. A sua capa negra (uma capa negra de personagem de ópera) adoeceu no céu azul e resplandecente de Coimbra. O seu nome para sempre ficou gravado nos muros da Lusã-Athenas. Mas não é o bacharel em leis, não é o estudante boêmio, que fez de Joyce, para a velha Coimbra, uma das suas figuras lendárias: foi o orfeão, o famoso

(Continua na página 18)



AS CALÇAS

Leio nos jornais que o dono duma mercearia americana pôs fora do seu serviço duas empregadas que tinham andado de calças como os homens. Sim! De facto, as calças constituem um atributo masculino. Admitte-se que a mulher use calças, mas impõe-se-lhe uma condição: que se não vejam. A calça na mulher deve ser secreta. Aquêle preconceituoso americano proceda bem. Depois, se admitte empregadas com calças, como poderia recusar os empregados que porventura se quizessem apresentar de tala? Agora digam-me lá que não há merceiros honestos!



INCERTEZA

Um dos grandes sonhos do escritor, crítico e nosso amigo Rodrigo de Melo era ter uma filha. O bom destino quis fazer-lhe a vontade. Há pouco tempo nasciu-lhe a filha desejada. Rodrigo perdeu a cabeça; doída de alegria, desistiu a cantar e a assobiar; vez de lá resolveu não ir ao emprego; mas, de repente, duradinho ainda da felicidade, entrou pelo quarto onde ainda estava a mãe e a brados, interrogativo:

— Sempre é menina, senhora doutora? Mas vin bem, vin bem?

# CAPRICHOS

## DA MODA



Chapéu de pele de lontra



Um encantador colar



Colar de bailarina oriental



Este chapéu de pele é, de facto, encantador!



Apreciem, minhas senhoras, este originalissimo modelo.



Este é em fêlτρο e pele de linco



Esta bolsa de pele é feita em foca!



Um rico chapéu em arminho!



Uma cobertura de pele de leopardo para a sua sombrinha!



Este chama-se «Estrêla do mar». É lindo, não, é?



Braceletes e travessos de novo estilo.

# ECRITURES

ESTE ano do centenário de Eça de Queiroz foi apenas relativamente fértil em trabalhos de variada índole sobre o autor de «O Primo Basílio»; e com pena e estranheza — além de factuais — não se concluiu agora, quando a produção crítica e biográfica do centenário se pode considerar, qual encerrada, que foi muito pouco e muito pobre, no conjunto, o que se publicou. Eça foi o primeiro biografiado sob diversas perspectivas. Quasi todos os aspectos da sua vida, e até ao já sabido ou já pensado na actualização dos elementos de compreensão e crítica que existiam em 1904, foram publicados ou que se publicou ou superficial ou apenas pitoresco.

Não surgiram os estudos de original e vigorosa interpretação que situassem Eça de Queiroz à luz verdadeiros da nossa época, deixando para o futuro uma imagem fiel do que nela se pensou ou devia pensar a respeito do romantismo, não publicaram os trabalhos que seriam de

desejar categoricamente escritores como António Sérgio, Castelo Branco Chaves e sempre — no Carnaval sem nome dos que estavam particularmente indicados para julgar Eça de Queiroz — nem de outros que poderiam, com a proleteria que deveriam julgar o homem e a sua época à luz de uma concepção de mundo e de uma visão da vida. Tempo vir, deserto, em que Eça e a sua geração intelectual, independentemente de qualquer perspectiva de um centenário, sejan estudados e avaliados na sua integridade e na realidade que estes estudos de angústia não consentem. O que se fez agora foi apenas relatar, com alguma parcialização, salvo raras excepções. E já não vale a pena falar — nem é próprio (fazlo quando) encerrar com seriedade o «caso» Eça de Queiroz ou a obra de Eça de Queiroz, agora e sempre — no Carnaval sem nome dos cabinolinos, das chatinagens, das grotescas exhibições de «ária fidele que portaba a recordação do artista a pretexto de uma efemeride.

# LIVRO CRÍTICO DE POESIA UCRAINIANA

TARAS Chevtchenko, de que se comemorou há pouco o 50.º aniversário de nascimento, é mais em si do que nos seus poemas actualmente publicados. Há um livro de poemas. A simplicidade, a pureza da forma do verso, a beleza lírica popular e ao mesmo tempo a força dos temas directos, deram-lhe actualidade e interesse a uma poesia de carácter universal. Muitos dos seus versos foram recentemente traduzidos para língua portuguesa, em revistas literárias que evocaram o seu nascimento, em 1814, e a sua vida trágica e lúgubre.

Chevtchenko era filho de um servo e serviu também — porque só alguns dias da sua arte e o czar Alexandre II aboliu essa sobrevivência do feudalismo. A mãe e a irmã tiveram muito nosso, esmagados pela violência do trabalho no distrito rural de Kírlivno, junto ao Dnieper.

Ainda muito criança, tem o patálio do desenho e da pintura. Foge dos estudos e abandona a escola alguns anos de vagabundagem e aventura, no sabor das inspirações e dos recuos de que sua arte se alimenta e emotiva lhe proporcionava. A miséria obrigou-o a ir trabalhar para o trabalho servil. Só aos 25 anos de idade se encontra em Kiev, Brulov, o resgata por 2500 rublos um quadro de um mestre de valor explorou as suas excepcionais aptidões. Seguiu então estudos regulares de arte, no atelier de um professor de desenho na academia de Kiev. Arrebatado por duas grandes aspirações — a de alcançar o regime superior a instrução do povo — compõe versos maravilhosos que o consagram como

o maior poeta da Ucrânia. Evoca as grandes epopéias dos nossos, proclama os direitos da mulher e da crítica abandonada, defende a liberdade de consciência. Alguns livros como «Káterina», «A Serva», «Jóho Huss ou o herético», dão-lhe celebridade magnífica; mas a sua voz de novo barão cala-se bruscamente. Informalmente perdura e nunca mais se leram na Rússia, durante largos anos. Mas seus poemas de feroz e fascinante exaltação.

Alinda voltou as margens do Dnieper e ali morreu, sendo enterrado na faldésia de Kanlev, junto ao rio que embalsamou os seus sonhos e o serviço de qual viveu a memória dos seus heróis consagra. Ressurge agora e a sua obra, como ressurge a memória da sua existência mutilada. Um herói que viveu os seus versos; Taras Chevtchenko, o patriota ucraniano de há um século.

A. S.

# RAMOS DE ALMEIDA

«EÇA», por António Ramos de Almeida

Ramos de Almeida enfileira entre os escritores que terão muito mais a dizer no futuro do que puderam nos passados, e entre os primeiros que apenas baluacaram o que gostariam de dizer, mas não chegaram mais viril e directa. Silêncios que são símbolos de luta, promessas de eloquência, anseios de liberdade, de uma vida amoradada. Este seu estudo sobre Eça de Queiroz é ainda tecido de muitos desastrosos, o que não nos diz, se já é muito para quem se habituou a ver na literatura um triunfo de factos e de realidades ou uma angustiante e tortuosa tentativa de expor a realidade, mas não deixa de trazer implícitas as marcas dolorosas dessa angústia que está longe ainda de se extinguir. E que mesmo requintadas as condições extremas de um pensamento e de uma arte libérrima que tiveram de trabalhar alemães não de sofrer por muito mais tempo os efeitos da sujeição anglofrancesa. Este livro de Ramos de Almeida é uma floresta de dolorosos indícios. Talvez não desaprecíveis do não possam descobrir nos livros. Os que quiserem ver o saberão encontrar.

Não que repeta às opiniões feitas sobre Eça de Queiroz, o autor deste livro escreveu para nos dar ao ordenar do que de análises profundamente. Acentua as suas concordâncias ou discordâncias, raras vezes as disseca na análise crítica. Cede demasiado a algumas dessas opiniões veementes e, especialmente, à mais moderna que consiste em explicar a ironia ou a secreta amargura de muitas das atitudes e processos literários de Eça pelo complexo que se deixou a impressão de uma má consciência. Não consente cingir a sua interpretação literária e psicológica ao silêncio doutrinal que nos dá o testemunho em muitos passos do simpático estudo que compõe. A análise, portanto, neste caso, são muitas vezes aventurosas, mal estruturadas, cientificamente imprecisas. Não se põe o problema do condicionamento económico-social da arte, como superadjetiva ideológica, raras vezes em termos muito desarticulados, sem conseguir, em nenhum momento, termos uma síntese compreensiva da doutrina, e uma acérrima inserção dos problemas de Eça de Queiroz no quadro que seita.

Nota ainda, para nada faltar neste depoimento, que o estudo de Ramos de Almeida não mostra capaz, pelo menos neste livro, de bem julgar a arte denominada subjectiva e que os seus conceitos sobre Heruliano me parecem demasiado simplistas; que o significado do realismo em Eça como critério de arte e processo literário, não ficou suficientemente definido; que Vieira de Queiroz é injustamente esquecido no seu estudo de crítica realista em Portugal. Poderia parecer, por estes ou outros porqu沿岸 que acrescentasse, ter feito, pelo método de muitos dos seus aspectos, o intuito sincero e inteligente que Ramos de Almeida, em cumprir o seu dever com o seu estudo. E não é assim: a obra, em conjunto, é escrupulosa e séria, contém, porém, e brilhante, algumas vezes perfeita.

Destaca acertadamente a compreensão que existe em Eça de Queiroz dos factos económicos e sociais, mesmo quando a extrema finura do seu espírito a mascara ou dilui em aparências de «adorno» e «esteta». Estorpe, na parte biográfica, por dar o toque justo das realidades que cercam a vida de Eça de Queiroz, mas real. São exemplo expressivo desse mérito as páginas fragrantes que escreveu sobre a passagem de Eça por Newcastle. Situa o homem como poucos o têm feito — com inteligência e firmeza — e o grande motivo não é esse, a luz da falsa imagem que tantos se têm querido fazer, mas sim, Ramos de Almeida aponta a verdadeira e honesta observação do realista, como símbolo exacto da tradição do seu espírito com o melo, do que nos poderíamos chamar uma compreensível traído. Em suma: Ramos de Almeida vêveu com o que há de melhor sobre Eça, só é pena, ao cabo de tudo, que a justa expressão lhe falhe tantas vezes, e que a sua pena tenha sido vítima, muitas vezes, de misérias e violências que se tem nobremente combatido.

### «A JANELA DE TORMES», por Vieira de Almeida

Vieira de Almeida, homem e escritor, é dos mais estranhos, desconcertantes e difíceis «casos» que têm apresentado, modernamente na cultura portuguesa. Intelligência finíssima, cultura profunda, capacidade delicadíssima de expressão, não conseguiu ainda realizar uma unidade humana e intelectual que fosse possível a definição satisfatória do que é e do que vale. Uma agudeza inegavelmente há de melhor sobre Eça só é pena, ao cabo de tudo, que a justa expressão lhe falhe tantas vezes, e que a sua pena tenha sido vítima, muitas vezes, de misérias e violências que se tem nobremente combatido.

«A JANELA DE TORMES» é mais uma série de ensaios — primeiros e finais — em que Vieira de Almeida, sobre Eça de Queiroz, o seu tempo, a sua geração e a sua obra, do que um estudo sistematizado.

Entre tudo o que se publicou neste centenário o seu livro é, sem dúvida, a mais interessante e curiosa. A direcção, as justas de apreciação, quantos conceitos virtualmente sólidos e decisivos, quantas linhas de acerto, e quanto não parecem avaliar-se e vaporizar-se sob a sua pena que actua como um destilar de luz e de raios, sempre compreendendo — mais, certamente,

sobre Eça de Queiroz — não ficamos com dúvidas sobre o que se compreende. É, antes de tudo, um estudo de referências. Vieira de Almeida multiplica as referências ao longo do texto, o que equivale a pulverizá-las. É possível que tal perspectiva apresente um certo interesse de momento grosseiro; mas já é sintomático que assim suceda a quem se tem habituado a compreender o texto.

Entre as referências inúmeras só destaca a «A geração dos sesenta», que se representou na primeira congresso o impulso de transição da transição da «immanência». Não são as palavras de Brunschwig, a seguir transcritas, que encaminham o pensamento a compreender o que é definitiva do que escreveu — pois que tudo isso se encorpura numa teia sutil e densa a análise serena.

Extraordinário é que Vieira de Almeida não se contradiga — estranho mas infalível testemunho da segurança da sua inteligência. E essa inteligência ainda convive com um sentido de generosidade que o leva a procurar e a determinar mais vivamente em Eça; com uma oposição vigorosa às pseudo-ideologias revalorizadas, sobretudo a sua verdade ou ainda a estranham, com um sentido especial da ironia que só Ramos de Almeida e Vieira de Almeida, e tantos outras obras de Eça de Queiroz, em parte estimula, e em parte amargura.

E que contraste, ao cabo de tudo, entre a obra de Vieira de Almeida e a obra de Eça de Queiroz. Um de civilização intelectual apurada que é timbre fatal da chamada «vida de Vieira de Almeida», e o outro de Acácio declama, sussurra, brama, insinua ou afirma, convicia e convida a uma «convicção de vitória...» «Acácio do tempo de Eça de Queiroz», e o outro de melhor apanha, literatiza mas temia. O actual grimpou sobrebo e, se Eça agora vive a sua obra, Vieira de Almeida escrever, para disfarçar, celebra-o.

A finita intelectual de Vieira de Almeida como a ironia queirozista — ambas salientadas neste livro, pelo que toca ao crítico e pelo que toca ao autor — não foram nem são os instrumentos de uma crítica socialmente activa e estimulante civilização, que poderíamos esperar delas.

«EÇA DE QUEIROZ VISTO POR UM CRÍTICO MODERNO», por António Buchich

Com um prefácio detestável de F. delino de Figueiredo — e detestável

relativamente ao lugar que a este escritor tem sido conferido nas letras portuguesas, foi traduzido para o nosso língua um fácil e mediocre estudo de António Buchich sobre Eça de Queiroz. O prefácio, muito literário quanto à forma e à linguagem, contém, porém, um conteúdo muito categorico e pedante no conteúdo, não absove o livro da sua importância, e a sua linguagem de F. delino de Figueiredo considera o espírito de universalidade, a verdade e a integridade da crítica portuguesa. O estudo de Buchich, por seu turno, é traduzido facilmente desvalorizado, superficial, sem rasgo crítico, sem amplitude ideológica. Poderá ter

(Continua na página 147)

## O Dr. Alvaro Salema volta a dirigir a nossa página literária

Recomeçou a sua colaboração nesta revista, o Dr. Alvaro Salema, depois de alguns meses de afastamento do português pelas necessidades imperiosas da sua vida profissional. Volta ele a dirigir a página literária, e trata-se, portanto, de um retorno sincero e sincero ao facto — por nós e pelos nossos leitores.

De seus críticos anteriores da sua geração, Alvaro Salema tem-se afastado como um dos melhores críticos portugueses. De uma formação cultural sólida em profundidade de uma independência de espírito que pode chochar, por vezes, pelo seu desassombro, o nosso melo literário, acostumado geralmente a um tipo de compromisso de compadrio e de lisonja mútua — a sua opinião pode nem sempre ser agradável para aqueles que tem de julgar, mas é sempre atenta e justa, ainda que posta sob um ânulo de critério absolutamente pessoal.

De suas críticas resultam, assim, um índice verdadeiro das possibilidades e dos valores da nossa actividade actual, e de um tipo de opinião nem sempre se torna fácil — mérito autêntico do que é superficial e convencional.

Voltando com a sua colaboração a esta revista, Alvaro Salema acrece em valor de leitura e de leitura «Literatura», dando-lhe, sem dúvida, importância de interesse para os leitores, ao mesmo tempo que poder dar, com as suas críticas, mais uma contribuição para a cultura literária portuguesa. — J. C. G.



## OLAVO DE EÇA LEAL

FUNDOU UMA ESCOLA DOS LOCUTORES!

**1** OLAVO de Eça Leal é um dos nomes da Rádio que não precisa de apresentações. Artista de personalidade bem firmada, a sua voz tornou-se familiar aos ouvintes — e os seus programas, na E. N., têm um cunho acentuadamente artístico, que revelam logo o seu autor.

Olavo, de facto, é um «intelectual da Rádio» — denominação que não fica mal a quem, além de primoroso poeta, tem escrito os mais vivos diálogos para o microfone. Dinâmico, trabalhando sempre, Olavo pensou, em boa hora, lançar nas «Emissões Portugals» um alvitre: a criação duma «Escola de Locutores».

Desnecessário enaltecer a finalidade dessa Idéia, que veio ao encontro dos desejos de tanta gente que se interessa pela Rádio! Não fazia sentido, de facto, que ainda não houvesse um curso de aperfeiçoamento de vozes, para futuros trabalhadores da Rádio.

A E. N., que nos seus concursos oficiais para locutores não se esquece de exigir, burocraticamente, ao candidato o papelzinho liceal que se exige ao amanuense, não tem ainda anexo ao seu departamento um curso para locutores.

De modo que, sem preparação técnica, sem contacto com o público, acontece muitas vezes — como neste último concurso — aparecerem candidatos com belíssimas aptidões que nem sequer tinham visto um microfone — a não ser pelo vidro da cabina.

Se acrescentarmos a isto o nervosismo, a falta de estímulo e a longa concorrência, veremos que deve ser bem explicável a exclusão de tantos concorrentes logo ao primeiro embarço da leitura.

Por isso, esta Idéia de Olavo de Eça Leal teve o acolhimento de toda a gente que se interessa pela Rádio — e foi, pode dizer-se, um êxito para o seu autor. Centenas de rapazes e raparigas foram às «Emissões Portugals» para ouvirem da boca do Olavo a sua Idéia sobre a criação da escola. Havia gente por todos os lados, nos corredores, nas portas, que a sala estava cheia.

Olavo explicou o que pensava do curso. Não prometia nada. Lembrou que as lições que a ministrar não tinham, por ora, qualquer intuito de garantias para concursos oficiais. Lembrou que além das habilitações exigidas pela lei — era necessário ter-se menos de 35 anos.

A vocação na Rádio não pode, pois, existir desde que se chumbou em latim ou se decifrou mal uma equação.

No final pediu aos presentes que desejavam frequentar o curso que se inscrevessem. O número de assinaturas ultrapassou as previsões mais optimistas — e Olavo viu-se na necessidade de reduzi-las para quaranta.

Depois da sua preleção, trocámos com o autor das «Vozes da Rádio» umas ligeiras impressões:

— Estou, como pode calcular, satisfeleitíssimo. Vejo que há muita gente que se interessa pela Rádio com verdadeiro fervor. Calcule que além de três alunos do Conservatório, da Arte de Dizer, até se inscreveu um professor do liceu...

— Nesse caso...

— Sim — diz-nos Olavo a sorrir — fique contente, sobretudo porque não acreditava no êxito que logo se tornou palpável.

(Continuação da página 14)

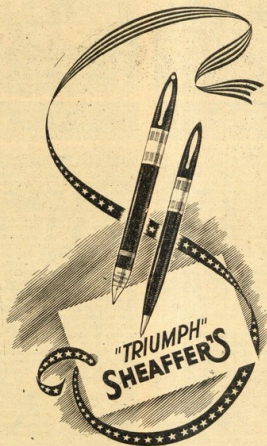


**Teodoro**

APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLECCÃO DE  
PELES E CON-  
FECCÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

**RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121**

TELEFONE P. B. X. 20784  
LISBOA



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L<sup>DA</sup>  
RUA DO CRUCIFIXO, 76-78 - LISBOA - TEL: 26297



# Waltz Time



«VIENA, a das Valsas», é uma das mais pitorescas e nostálgicas operetas inglesas até hoje produzidas.

Descreve-nos o filme a mais encantadora das fábulas — o nascimento da valsa, em Viena — com um bom gosto inigualável, lindíssimas canções e cenas da maior graciosidade, decorridas em suntuosíssimos cenários.

«Viena, a das Valsas», que se estreou há pouco em Londres, constituiu aí o maior dos sucessos, sendo os críticos ingleses unânimes em comparar o filme ao célebre «Congresso de Dança», cujo êxito ainda está bem na memória de todos.

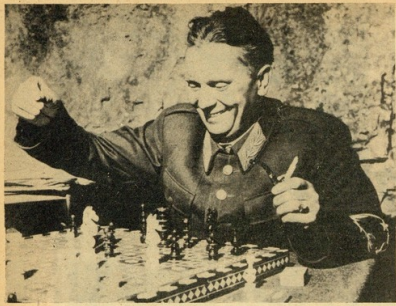
Conta-nos o filme a encantadora história de uma jovem e bela imperatriz que governou a velha Viena. A valsa balbuciava então os seus primeiros passos. Os conselheiros do reino, revoltados contra tão «cousada» música, reúniram-se com o fim de proibi-la em todo o país. A imperatriz, porém, servindo-se de engenhosas estratégias, que aqui não revelamos para não tirar ao público o interesse pela película, resolveu o problema com satisfação e alegria para todos.

Carol Raye e Peter Graves são os principais intérpretes desta inolvidável produção da British National, onde são secundados por Theoley Walters e Patricia Medina. A grande sensação do filme é, porém, o reaparecimento do célebre tenor Richard Tauber, tão querido do público português, o qual canta nada menos de sete melodiosas canções. A realização é do conhecido cineasta Paul Stein.

«Viena, a das Valsas» é um filme de tão grande categoria que uma das mais importantes firmas americanas — a Fox — imediatamente se resolveu a contratá-lo para distribuição em vários países do mundo. A vinda de tão excelente filme a Portugal é, porém, devido ao esforço, nunca demais louvável, dos «Exclusivos Triunfos», que muito em breve proporcionarão, através da sua exibição na capital e em todo o país, um dos mais maravilhosos espetáculos cinematográficos que nos tem sido dado apreciar nos últimos tempos.

Estão, pois, de parabéns os «Exclusivos Triunfos» com a próxima apresentação de «Viena, a das Valsas».





O marechal Tito é considerado um hábil jogador de xadrez. Pelos vistos, no xadrez político também soube ganhar.

Yugoslávia acaba de proclamar a República. O rei Pedro II foi, portanto, destronado e perdeu todas as suas prerrogativas reais. Ao fazer uma dramática comunicação, a Rádio de Belgrado anunciou:

«De acordo com a vontade livremente expressa de todos os povos da Yugoslávia, a Assembléa Constituinte, em sessão conjunta da Skupstina e da Câmara das Nacionalidades, resolveu e resolve em nome do povo e baseada nas decisões legais tomadas por ambas as Câmaras, que a Yugoslávia Federal e Democrática seja proclamada em República Popular sob o nome de República Federal do Povo da Yugoslávia.

«A República Federal do Povo da Yugoslávia é um Estado popular unificado com forma republicana de governo e comunidade de povos iguais, que exprimiram livremente a sua vontade de permanecer unidos dentro da Yugoslávia.

«Por esta decisão, a monarquia foi finalmente abolida. Todos os povos da Yugoslávia e, por consequência, Pedro II Karageorgevich e toda a dinastia dos Karageorgevich, ficam privados de todas as suas prerrogativas reais.

«Redigido em Belgrado, capital da República do Povo da Yugoslávia, aos 29 dias de Novembro de 1945».

A falar verdade, a decisão de a Assembléa Constituinte Yugoslava proclamar a república causou pouca surpresa. O próprio rei Pedro, ao comentar o acontecimento, afirmou: «A notícia não me surpreende; mas, sucede o que suceder, continuarei a defender a minha Pátria e o meu povo e a acatar sempre as suas livres decisões».

O curso recente dos acontecimentos políticos ocorridos na Yugoslávia tornava esta decisão quase inevitável. Antes da reunião da Assembléa, ambas as Câmaras que a formam tinham votado, unânimemente, em sessões separadas, a aprovação de instituições republicanas, e todos os partidos agrupados da Frente Nacional partilhavam esta opinião.

Se bem que — conforme salientava «The Times» em artigo de fundo — não tivesse havido plebiscito formal sobre a questão do regresso do rei, o resultado das eleições manifestou decidida resolução por parte dos votantes de viverem um futuro em que não figura a instituição monárquica.

A eleições, embora tenham apresentado aspectos aos quais os juristas democráticos possam apontar motivos de contestação, podem e devem ser tidas como indício indiscutível da vontade popular, não mais que não se pode deixar de reconhecer, na

Assembléa Constituinte, um organismo legislativo devidamente eleito e com direitos soberanos.

O povo da Yugoslávia decidiu, finalmente, qual a forma de governo que desejava, após um duelo prolongado e violento entre o velho e novo regime, e, deste modo, deu o seu sufrágio aos governantes que defenderam o princípio da nova «Yugoslávia Democrática e Federada», nascida durante a guerra nos territórios libertados pelos guerrilheiros checos por Tito.

O Estado sudoslavo que agora emerge do caos europeu é, pois, filho da feroz luta de libertação nacional contra um ocupante estrangeiro, que das aspirações futuras. Para alimentar o fogo sagrado deste combate de gigantescas proporções, em territórios devastados por vários anos de guerra sem quartel, os patriotas Yugoslavos foram obrigados a organizar, nos territórios libertados, administrações civis e militares formadas principalmente por comissões de habitantes locais.

Estas comissões tinham por missão organizar os recursos da comunidade para apoiar os exércitos patrióticos e eram forçadas a assumir as responsabilidades básicas do governo local. Este sistema de comissões foi gradualmente ampliado de modo a transformar-se em vastas unidades regionais e, a pouco e pouco, formou o esqueleto dos conselhos supremos provisórios das seis áreas federais que, presentemente, constituem a Yugoslávia.

A base desta organização, pela primeira vez na história, a população local está intimamente ligada e interessada no trabalho da administração pública, a qual deixou, por este motivo, de ser uma engrenagem oficial super-imposta por aqueles que governavam.

O sistema assim posto em vigor deu excelentes resultados, e a sua continuidade foi um dos principais cavalos de batalha da campanha eleitoral da Frente de Libertação Nacional. Indiscutivelmente, reside neste facto a causa primordial da retumbante vitória obtida pelo partido de Tito.

O convite feito pela propaganda eleitoral do governo provisório — cujo slogan foi: «Confirmar a nossa vitória!» — teve um significado muito mais vasto do que um simples pedido ao eleitorado para manifestar a sua confiança nas forças que libertaram a Yugoslávia do ocupante estran-

# O rei e o marechal em guerra aberta

## Por JOSÉ CORREIA RIBEIRO

gelo. Com efeito, a aprovação do partido oficial significava também um endosso legal do novo programa, pelo qual o povo continuava a participar directamente nos assuntos do Governo.

O marechal Tito, de acordo com estes princípios, declarou que a Frente Nacional defende a edificação dum vasto sistema democrático, no qual a oposição pode desempenhar activamente um papel político. Para este efeito, confirmou o programa elaborado, em Bihatch, em 1942, para o estabelecimento dum Estado federado e democrático, no qual serão respeitadas as liberdades políticas e religiosas e os direitos de propriedade particular.

Estava, pois, imediatamente, expresso aqui o rompimento irremediável com o antigo regime monárquico, e aquilo que só aqueles partidos e aquelas pessoas que acertam, sem discutir as bases fundamentais do novo Estado, poderão participar na sua direcção.

O trabalho que o novo governo de coligação Yugoslava se propõe realizar assume aspectos bastante comprometedores. Embora o espírito patriótico que agora anima os povos da Yugoslávia tenha sido caldeado nas fornalhas da guerra, continua a ser necessário manter adormecidas as velhas rivalidades existentes num país tradicionalmente dividido e povoado de raças intolerantes.

A atitude revoltada do ex-rei Pedro fornece o primeiro exemplo da cisão que se pode ainda vir a dar no Interior da Yugoslávia. Apesar de se declarar disposto a «defender a minha Pátria e o meu povo, e acatar sempre as suas livres decisões», Pedro II afirma não reconhecer a legalidade da sua deposição, exactamente por não reconhecer que essa decisão foi livremente tomada pelo povo.

E, no comunicado oficial publicado em Londres, o ex-rei acusa:

«A Assembléa Constituinte declarou a República na Yugoslávia. Esta decisão foi tomada ao fim duma série de actos realizados pelo marechal Tito, que tiveram o efeito de remover tal decisão das mãos do povo e colocá-la inteiramente nas mãos da Frente Nacional e do próprio marechal».

«Só há, portanto, uma conclusão a tirar: as eleições foram feitas à pressa muito antes do país ter adquirido a necessária liberdade e estabilidade».

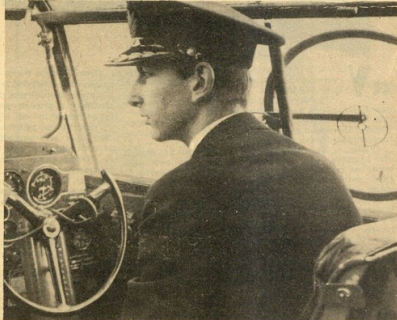
«Reina na Yugoslávia uma tirania indigna da grande vitória obtida pelos Aliados. Foi-se introduzido um regime totalitário, odioso às tradições morais e cristãs do povo Yugoslavo».

«A minha consciência fica profundamente chocada quando observo os sofrimentos do meu povo, que está sujeito a uma violência implacável, sem liberdade nem justiça. Em consequência deste estado de coisas, os refugiados são obrigados a fugir do país e a procurar hospitalidade fora das suas fronteiras».

«O colapso da democracia na Yugoslávia e a subsequente catástrofe não se confinaram apenas a este país. Já o disse antes, e torno a repetir, que se o meu povo decidir livremente sobre um sistema de governo diferente, estou preparado para acatá-lo a sua vontade. Nesse caso, serei um subdito leal da Yugoslávia, que é a minha Pátria».

«Estou plenamente consciente dos meus deveres para com o meu país, e apesar de todas as medidas tomadas contra mim pelo presente regime, continuarei a seguir o ditame da minha consciência de libertar a Yugoslávia da tirania, embora não saiba nem calcule quando isso acontecerá».

E, com esta declaração de guerra aberta entre o rei e o marechal, se encerra mais este ciclo da vida agitada e incerta da Yugoslávia.



O ex-rei Pedro II é um aviador consumado. É caso para perguntar: Como reagirá ele com esta aterragem forçada?

## JANELA ABERTA

### LISBOA E O GUARDA-CHUVA POR MANUEL MARTINHO

**L**ISBOA, de inverno, é outra. A graça saltitante das manhãs de Primavera, zorgeada de pássaros, o ar lavado do sol, sempre brincheirão, elegram a cidade, dão-lhe saúde, cor. No inverno, porém, com a chegada das chuvas, Lisboa adoece. Torna-se tristonha, caranuda — deixa de andar em trajos leves, para se cobrir de abaios até aos pés. Parece uma velhinha, sempre a persignar-se pelas esquinas com medo dos espiritos, dos ventos úmidos, enregelada, a pedir café...

As cidades, como as pessoas, têm a sua natureza. São acolhedoras ou desabridas, alegres ou tristes, indolentes ou activas, ríspidas ou meigas — poéticas ou feias. Nova-York, ruidosa, dinâmica, ama o barulho, e respira, intoxicada, entre businas e preços, no meio de arranha-céus que quasi tocam as nuvens. É um mundo activo, energético, a movimentar-se, com os pulmões de toneladas de cimento, arfando seiva, calor, entusiasmo.

Madrid — mais aqui ao pé, é diferente. Há na sua cor, no seu céu, o vigor do grão. É um sópo de vida que freme, contagiando de alegria os recantos mais soturnos.

Lisboa não tem nada disso. É a capital duma provincia, com a sua gente janota, o seu ar pasmado — a sua alegria forçada, que quando pretende ser sincera — torna-se grotesca.

Lisboa, mal chegou as chuvas, veste-se de «alma antiga». Cobrem-se os homens de galochas, gabardines, chapéus de chuva, luvas, mantas de pescoço — o rato! — e, ainda por cima, enregelados, como se tivessem nascido em vez do bérço num frigorífico, batem os pés, estregam as mãos — e pedem café a ferver.

Começa, então, a vida dos cafés. Praticamente, não há um lugar vago.

Dá a impressão que é all o refúgio dos ecciosos. Mas não. Nas esquinas, nos portais, espeçados debaixo dos alpendres, há, continuamente, uma legião de gente parada, atenta, toda igual no rosto parado, sem vibração, cadáveres injectados de «corda» que espera não ser que espectáculo. Passam, nas ruas chuvosas, mulheres cobertas de peles. Noutros lados são crianças rötas, pedacos de trapo. Em tudo, porém, ressalta essa imagem nítida, vista de cima, duma sacada: os chapéus de chuva, abertos, aboboados negros, a negrejar em fila, como pálios duma procissão de entéro...

São homens, crianças, mulheres — tudo abrigado, atropelado, furando, escapulinho, plasmado, tirando, esfarrapando com essas desastreadas varetas.

A chuva, caindo, vai dizendo a sua canção.

Lisboa já a sabe de cor. As vezes vem a orquestra do vento dar-lhe ritmo desordenado. Então, senhores, o guarda-chuva já não pode demonstrar a sua utilidade. Em vergastadas, a água cai — tirando a aboboda negra que cobre o occurato.

E o homem, confiado, vai de chapéu aberto — que se revira na primeira esquina — na lizão de que venceu a chuva — quando as calças, ensopadas, pedem o calor do fogão. Que grande coisa, o guarda-chuva!

O Chefe do Estado lendo a sua mensagem



Aspecto da sessão de abertura da IV legislatura da Assembléa Nacional.



O sr. ministro da Guerra offerceu, há dias, um banquete aos officiaes portuguezes que, durante a guerra, tomaram parte nas conversações com os Estados-Maiores aliados



## “COCKTAIL” UM LIVRO DE METZNER LEONE

**M**ETZNER Leone, nosso colega de Imprensa e escritor dos mais produtivos, acaba de publicar «Cocktails», um livro que é, de facto, um sabroso «cocktail» de contos, novelas, apontamentos, e termina com um curioso «novo dicionário», no qual nos deliciamos com espirituosas e bem humoradas definições. Mas Metzner Leone, a par duma fertilidade asombrosa e da excepçãoal capacidade de trabalho, dispõe, também, dum estilo próprio, vigoroso e elegante, que lhe tem criado um público fiel, o melhor índice dos seus trabalhos literários.



O sr. Presidente da República, acompanhado pelos srs. ministro das Obras Publicas e eng. Sousa Lara, na inauguração das carreiras aereas Lisboa-Porto.

O Chefe do Estado procede a cerimonia da inauguração das installações da Companhia de Transportes Aereos.

UMA MEIA MEIA FEITA  
OUTRA MEIA POR FAZER  
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA  
MUITO TERÁ QUE COSER

Meia de Vidro  
RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

## Olavo de Eça Leal História da Guerra

(Continuação da página 10)

E depois de nos ter dito que fóra uma noite, nas «Emissões Portugals», que dissera ao locutor para anunciar essa idéia aos ouvintes, o conhecido artista acrescenta:

— Choveram telefonemas de todos os lados. A idéia estava em marcha — e agora há-de triunfar.

— Como vai funcionar o seu curso? — Haverá uma parte propriamente de locução, de que me encarregarei — e outra de técnica dirigida por um hábil engenheiro. Ficará, assim, mais completo.

— Tudo quanto sei e aprendi no Rádio transmitirei aos meus alunos.

E sem deixarmos terminar a frase: — Não será pouco! — Veremos. Alguma coisa de proveitosa há-de nascer desta idéia para a Rádio.

Olavo dá-nos um apêto de mão. Era o remate da entrevista.

LIVRARIA ECLECTICA  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBON

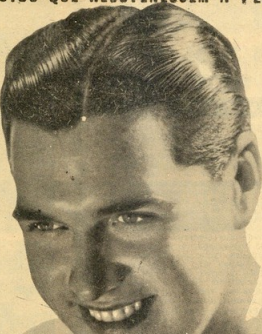
(Continuação da página 6)

pela primeira vez, o «Do-217», um bombardeiro bimotor que deu excelentes provas durante o resto das hostilidades. Ainda das suas fabricas saíram, em 1942, e começaram a ser utilizados, em grande escala em 1943, aparelhos dos tipos «Ju 86-F» e «Henschel 129», que serviram no

frente leste com excelentes resultados a partir de Janeiro de 1943. Por sua vez, os anglo-americanos apresentaram os «Mosquito», bombardeiros ligeiros do tipo «Havilland», armados com oito metralhadoras e quatro das quais de 20 m/m, que vieram a constituir um dos mais perigosos elementos com que os ingleses passaram a fazer a guerra aérea. Além dos «Mosquitos», as fabricas anglo-americanas produziram, em 1942, outros modelos novos, como o excelente «Hurricane», conhecido pelo «Hawker Typhoon», e os «Mustang», incomparavelmente superiores nas acções de cooperação com forças-ferrestres aos aparelhos alemães do mesmo tipo que já referimos, os «Henschel 129». Entre os produtos das fabricas americanas deve citarse ainda, por haver sido posto em serviço no final de 1942, o modelo de bombardeiro ligeiro conhecido por «Egá Ventura», produzido pela Lockheed Corporation, o qual atingia velocidades enormes, revelando-se como uma arma de guerra de excelente concepção e fabricação.

(Continua)

PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA  
E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS  
USANDO

Petróleo iodado  
**Eliper**

Os cabelos deixam de cair — Novos  
cabelos nascem com abundância

Experimentar os produtos Eliper  
significa adoptá-los para sempre

## Crítica de Livros

(Continuação da página 9)

relativa utilidade na passagem elucidação de um público estrangeiro que pouco ou nada conhece de Eça de Queiroz; não tem significação alguma em Portugal, onde já há sobre o autor do «Crime do Padre Amaro» bastantes obras mais ou insignificantes. Escrito com aparente fa-

cilidade, uma vez ou outra com elegância, não chega a tocar profundamente um único ponto capital da personalidade ou da obra estudada.

Esta referência só tem uma justificação — e pode crer-se que não foi escolhida por comodismo ou timidez, mas por acidente: não sendo o livro escrito por um português, serve para documentar o que de mau, pobre e inútil se publica em Portugal a propósito ou despropósito deste centário.

ALVARO SALEMA

FOURRURES (MAITRES-COUCPEURS) PELES (EXPERT-CUTTERS) FURS

*Manoelias*

PRIMOROSAS CONFECÇÕES EXECUTADAS POR PESSOAL TÉCNICO ESTRANGEIRO, SOB MODELOS IMPORTADOS EXPRESSAMENTE DE NEW-YORK

TRABALHOS ESPECIAIS EM:

VISONS, CASTORES-CANADÁ,  
ASTRAKANS-PERSAS  
E TODAS AS PELES FINAS

OS MÓDELOS SÃO EXCLUSIVOS  
E NÃO SE EXIBEM EM PASSAGENS

R. RODRIGUES SAMPAIO, 160 — TEL. 4 0961

# Os preços de "Vida Mundial Ilustrada"



Alguns dos principais prêmios em exposição na Casa Guimar, Lda — Rua do Prado, 183

Num esforço editorial que dificilmente terá paralelo na imprensa portuguesa, vamos publicar, no decurso do mês corrente, um número extraordinário de «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», que deverá constituir o maior acontecimento jornalístico português de 1945.

**MAIOR NÚMERO DE PÁGINAS e MELHOR PAPEL** \* CAPA a 3 CORES COLABORACAO ESPECIAL DE ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES E JORNALISTAS PORTUGUESES \* REPORTAGENS SENSACIONAIS \* NOVELAS ESCOLHIDAS DE AUTORES PORTUGUESES, INGLESES, FRANCÊS E RUSSOS \* UMA NOVELA DOCUMENTAÇÃO GRAFICA

- \* Um número que será um tesouro!
- \* Um número que será diferente de todos os outros!
- \* Um número que valerá muito mais do que o seu custo!

Mas além desses esforços editoriais, esta revista proporcionará aos seus leitores a possibilidade de obter muitos e valiosos prêmios. Prêmios que interessam a todos, não só pelo seu valor real como pelo seu próprio valor utilitário.

De entre os principais, podemos desde já anunciar os seguintes:

- 1) Uma mobília de sala, com sofá e dois emplaces, uma mesinha em estilo moderno e uma escrivaneta. Um prémio de grande utilidade e marcante bom gosto. Foi adquirido, como temos dito, na casa Guimar, Ltd., Rua da Prata, 183 — uma casa especializada nos mais modernos modelos de mobílias e decorações. Guimar, Ltd., reúne entre a sua clientela tudo quanto há de mais distinto e exigente na alta sociedade da nossa capital.
- 2) Uma máquina de costura «Husqvarna», formando um belo móvel. Um prémio que é a sedução de todas as mulheres. Unidade e distinção. «Husqvarna» é a grande marca sueca — hoje preferida por todos os que desejam uma máquina de costura de alta qualidade. Basta dizer que é construída com os melhores aços do mundo. Este prémio, de grande valor prático, foi adquirido na Sociedade Luso-Sueca, Ltd., Rua Alexandre Herculano, 8.
- 3) Um belo aparelho de rádio «Luxor». Um dos melhores modelos desta marca. Comprámos-lo para os nossos leitores na casa José Costa, Rua de S. Paulo, 11 — casa especializada na venda dos melhores aparelhos de rádio das melhores marcas europeias e americanas. Pela diversidade dos seus modelos e pela seleção das marcas com que trabalha, esta casa é, hoje em dia, a preferida por todos quantos desejam adquirir um aparelho de real valor e alta qualidade.
- 4) Um magnífico fogão de cozinha. Para lenha e carvão. Cromado fosco. Último modelo de 1945. Foi adquirido na casa Alberto da Silva & Irmão, Limitada, Rua Arco da Bandeira, 129. Casa fundada em 1880, não só os seus anos de existência como a perfeição dos seus produtos têm-lhe dado o lugar merecido de uma das mais conceituadas casas especializadas de Lisboa do seu ramo. O seu nome é, portanto, a maior garantia nos trabalhos da sua fabricação. Além de fogões, está especializada na construção de cofres e outros artigos de serralharia civil e em instalações de aquecimento.
- 5) Um lindíssimo serviço de jantar, de porcelana da mais fina, de desenho moderníssimo, com prato. Este prémio é do valor de Escudos 2.000,00, e foi adquirido na casa «Au Bon Marché», Rua da Assunção, 45-47. Uma grande casa de reputação feita, com o melhor sortido de louças, vidros e objectos para brinde, do melhor gosto, a mais alta qualidade e a preços de absoluta concorrência.
- 6) Um quadro a óleo do distinto pintor algarvio José Dias Sanchez. Uma autêntica obra de arte. O seu valor é de Esc. 1.000,00. Foi adquirido na Galeria A. Molder, Ltd., Rua 1.ª de Dezembro, 101-3.ª, onde estão em exposição permanente, para venda, obras de arte dos melhores artistas portugueses e estrangeiros.
- 7) Uma apólice contra acidentes, da Companhia de Seguros «A Mundial», pela qual o beneficiário ficará seguro, por 1 ano, no valor de 100 mil escudos.
- 8) Uma lindíssima mala de mão para senhora. Modelo moderníssimo. O seu valor é de cerca de Esc. 1.000,00. Foi adquirida na casa Teodoro, Rua do Carmo, 29-31 — o grande fabricante de malas e carteiras para homens e senhoras, artigos de viagem, etc. Arte e distinção nos produtos que apresenta. A casa da especialidade mais elegante de Lisboa. A maior organização do seu género do nosso país. Tem também depósitos estabelecimentos de venda na Rua dos Retozellos, 20-28; Rua Aurea, 254 e Rua da Palma, 29-31.

Além destes prêmios haverá ainda muitos outros, entre os quais figurarão os seguintes:

- \* Um relógio de pulso da grande marca suíça «Zodiac». Modelo impermeável, anti-choque e anti-magnético. Representantes: Carlos Alves Ferreira, Ltd., Rua da Assunção, 88-3.
- \* Um relógio de pulso «Colony» outra grande marca suíça. Representantes: Serafim Pacheco Magalhães, Ltd., Rua Barros Queiroz, 39, 2.ª.
- \* Uma magnífica gardineira da casa Roda, Ltd., Rua Augusta, 86. Uma

## Vão ter também os seus presentes de Natal!

Não queremos esquecer-nos nessa época consagrada à família, contribuindo assim para que possam ter umas festas felizes!

casa especializada em artigos para homens e senhoras. Entre eles, as conhecidas gardineiras «Neptuno».

\* Um corte de fazenda para fato de homem da conhecida casa «Suprema» — Rua dos Fanqueiros, 77-79.

\* Um candeeiro eléctrico, moderno, de secretária, da casa J. Costa & Silva, Ltd., Rua Arco da Bandeira, 79 — casa da maior garantia especializada na venda de candeeiros, lustres, artigos para casas de banho, carrinhos para bebês, fogões a lenha e a gás, etc.

\* Um lindo candeeiro em louça. Uma peça de arte da Fábrica Sant'Ana, com salões de venda e exposição na Rua do Alecrim.

\* Meias «Morey», a grande marca preferida pelas senhoras mais elegantes e mais distintas. Venda e exposição permanente no seu representante, Rua Ivens, 44, e nos melhores estabelecimentos de Lisboa.

\* Produtos de beleza de algumas das mais reputadas marcas portuguesas e estrangeiras. Entre aquelas as grandes marcas «Clipper» e «Monte-gia» — produtos nacionais de qualidade e apresentação em perfeita concorrência com algumas das grandes marcas estrangeiras.

\* Meias da mais alta qualidade do grande estabelecimento da moda que é a «Misia de Vidros», na Rua Augusta, 158.

\* Um estylo com um par de meias e 3 lençinhos sufos, para senhora. Um lindo brinde do Natal da Casa Conflança, Ltd., Rua Augusta, 284.

\* 10 máquinas de barbear suacas, algumas em lindos estylos, oferta da casa Amador A. Dominguez & C.ª (Filho), Rua dos Corretores, 70.

\* 3 caixas, de 3 garrafas cada, de vinho do Pórtó «Alidade» — uma das nossas melhores marcas de vinho. Os vinhos preferidos para o Natal. Oferta do seu representante: Calderon Diniz, Alameda D. Afonso Henriques, 76-A.

\* Uma colecção completa da «Biblioteca Prática do Lar», constituída pelo seguintes volumes: «O corte sem mestre», por Lilla da Fonseca;

«A Mulher dona de casa», por Maria Lúcia; «O Mestre das Costureiras», por Maria Saavedra; «A saúde pela educação cívica», pela Dr.ª Beolinda Martins; e «A mulher educadora», por Emília de Sousa Costa. Uma magnífica colecção das Edições Universo, Ltd., Rua da Misericórdia, 100.

\* «História de Inglaterra» (2 volumes), a notável obra de Macaulay, editada em Portugal pelas Edições Cosmos, Rua da Emma, 111.

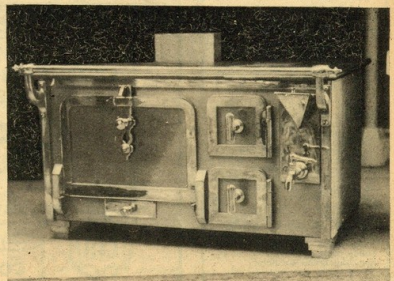
...e muitos outros prêmios, cuja enunciação completa será feita no nosso próximo número:

\* Objectos de utilidade; colecções de livros; assinaturas de «Vida Mundial Ilustrada», «Vida Mundial» e «Detectives», etc., etc.

Mas como serão distribuídos estes prêmios?

Leia o nosso próximo número, no qual será devidamente determinada a maneira de poder concorrer a este formidável sortido de

## “Vida Mundial Ilustrada”



todos os tempos. São estes, os dois escritores lusitanos que mais aguçam têm o sentido do humor: esse barômetro das mentes literárias do Ocidente. O seu conceito da vida e da Literatura antepõe-se em muito — como o de Stendhal — ao da sua época, que não o entendeu demasiadamente...

## GIMENEZ CABALLERO

É como Tomás Borrás, um nome de sobra conhecido em Portugal para que sobre ele se nos antolha a necessidade de fazer qualquer espécie de pública apresentação. Além de homem de Letras, Ernesto Gimenez Caballero é ainda professor e em jeito de leccionador que nos fala de Eça de Queiroz:

— Eça de Queiroz correspondeu à Literatura crítica da nossa «Geração do 88». Como esta, teve também rasgos geniais de ressurcção nacional. Eça de Queiroz teve, além disso, vicinidades científicas e humorísticas como «Memórias de um Atomo», de enorme actualidade. Portugal faria uma grande coisa se, pela passagem do Centenário, preparasse uma selecção eficaz das páginas de Eça de Queiroz para uso de espanhóis. Este voozo grande escritor não foi um astrólogo — foi um poeta heróico penitenciar. Um Camões de ar cansado, requintado, diplomata e «sândia».

## PEDRO GARCIA SUAREZ

É um «muechaco» bastante novo mas que de há uns anos a esta parte na imprensa espanhola tem a melhor témpera. Como escritor é o autor do recentemente aparecido «Legion-1808» a quem a crítica tem feito as melhores referências, dado que

se trata de um romance de impressionante dramaticidade bem em que o seu autor, ao contrário do que é costume, abdicou da sua personalidade de combatente para unicamente nos apresentar evidentes que ama, lutam e sofrem. Garcia Suarez diz-nos:

— Para mim há duas coisas fundamentais e essenciais na obra de Eça de Queiroz: o estilo e o patriotismo. No autor de «Prozas Bárbaras» nada tão belamente insuperável como a fina, lavrada e maravilhosa prosa dos primeiros capítulos de «São Cristóvão». O lenhador, servo da gleba, rusticamente vestido de estamena, é uma figura símbolo de um estado felizmente normal. O pai do gigantesco Cristóvão nada sabe acerca de poços de petróleo, de activíssimos êmbolos, nem de êrreções de velocidade. Só encontra até hoje cenas de tão profunda paz, de tão feliz alegria, num escritor espanhol da raça galico-portuguesa: em Don Ramon del Valle-Inclan. E Eça de Queiroz além de escrever para Portugal, escreve por elle... Situado no balcão inglês, os assomados às janelas literárias de Paris, Eça ama, sobre todas as coisas, a sua Pátria. E porque a ama, haizes a fustigar. Porque a ama a maltrata. Porque a ama, dói-lhe a seita da sua Pátria e inceta à acção... Para o maravilhoso escritor português, Portugal não acaba. Porque ele entende a Pátria não como uma arca cheia de velhos louros, senão como uma exigência que põe espadas de empoço nos nossos ombros e nos empurra para diante.

## JOSÉ MARIA DE VEGA

Tal como Garcia Suarez é um dos nomes mais prestigiosos do jornalismo espanhol do pós-Guerra Civil. Muito novo ainda, é o director do interessante emendário universitário «Juventud» e sub-

director da revista de carácter literário «Haza». Achamos, por isso, e como reflexo do pensamento estudantil espanhol, que ficaria bem neste inquérito a sua resposta a esta pergunta:

— Que me pode dizer acerca da «juventude» na obra na vida de Eça de Queiroz?

— E José Maria de Vega nervosamente, dinamicamente, assim respondeu:

— A juventude atormentada e romântica de Eça de Queiroz parece-se — como uma gota de água a outra gota de água — à nossa desesperada, exasperada e colérica juventude.

## GARCIA NIETO

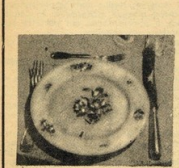
Não podíamos deixar de interrogar um poeta, um poeta desta terra que viu nascer um Decquer, um António Machado e um Garcia Lorca... Procuramos por isso José Garcia Nieto, um dos poetas espanhóis presentemente de maior fulgor e nomeada. O poeta Garcia Nieto fala-nos extensamente da obra de Eça de Queiroz e diz-nos que a considera um dos maiores escritores mundiais mais extraordinários que o século XIX produziu.

— Nota qualquer sentido poético na vasta obra deste nosso escritor?

— Sim, a melhor poesia de Eça pode encontrar-se muitas vezes nas mais estranhas passagens dos seus livros. Por outra parte, o seu estilo facilimo, musical, elegante e harmonioso é uma autêntica arma de um poeta completo, verdadeiro. [Como estão escritas essas páginas das vidas dos seus Santos?]

E aqui ficam dez depoimentos de dez intelectuais espanhóis — depoimentos que representam um pequeno esforço jornalístico. Que este nosso esforço seja tido como modesta homenagem ao grande escritor e como humilde contribuição ao esplendor do seu Centenário.

**AU BOM MARCHÉ'**  
APRESENTA  
o maior sortido de  
TALHERES, LOUÇAS  
VIDROS E CRISTAIS



Sempre novidades em artigos para brindés e menage.

**AU BOM MARCHÉ'**  
45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47

**A TEMPO!**  
Todas as manhãs — se tiver o cuidado de tomar a sua pastilha de LAXOBAC. «Laxobac» foi preparado e estudado para os que não têm os intestinos regularizados. A sua acção é certa. Quando tomar «Laxobac» as suas funções intestinais serão cronométricas. Tanto as crianças como os adultos gostam de «Laxobac», que só sabe a chocolate.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias a Escudo, 5550 e 12500 cada caixa. Lembra-se do nome.

**Desporto!**

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.

A grandeza dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias.

A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos.

A elegância de movimentos requer a máxima elasticidade.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero. A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos.

**Fósforo Ferrero**  
SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

As famosas  
IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS  
E CONDIMENTOS da casa

**CROSSE & LACKWELL**  
ESTABELECIADA EM 1706

VOLTAM  
com a PAZ

Consultem os agentes — IRNALDO SALGUEIRO & C. — PORTO

**Rainha da Hungria**

OS PRODUTOS DE BELEZA SÃO MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

N.º CAMPOS

**RAINHA DA HUNGRIA**

**António Joyce**  
(Continuação da página 7)

ortém que endoicce o país, que la endoicce a Europa, e que, se Joyce se não meto na vida publica, acabaria por endoicceer o mundo. Sim, António Joyce enveredou, um dia, pela burocracia. A música continua, porém, a ser invariavelmente «a sua mais que tudo». E tanto assim que, nos não admiramos nada se, quando mehos se esperar, saírem do Governo Civil de Lisboa, de que é hoje o secretário geral, duzentos ou trezentos postais formados contando, sob a sua respectiva, a Aré-Maria de Goum, os Jungs guerreiros, de Borodine...

# LEOPOLDO LOPES

## UM AMADOR PORTUGUES VAI ESTREAR-SE COMO ARTISTA

### EM ESPANHA, NO THEATRO LARA



Leopoldo Alves, o artista português

A história começou assim: O Leopoldo era um apaixonado do teatro. Nas horas de folga, recreava o espírito pisando os tabuleiros de várias Sociedades de Recreio, a encarnar personagens.

Entre os amadores, o seu temperamento irrequieto e a sua alma de artista, pouco a pouco foram-lhe criando uma posição.

O Leopoldo agarrava já os principais papéis.

Dizia-se à boca chela que o rapaz tinha jeito...

Em 12 anos de amador, a cena foli-te revelando os seus segredos e o seu prestígio aumentava de ano para ano.

Até que um dia (perdiu: uma noite), foi fazer o «compère» da revista «Veja lá se gostas», que esteve em cena na «Verbena do Atlético».

Foi uma noite em chelo! Caracterização esplêndida, desempenho admirável para um amador.

Alguém, na plateia, notara o jovem artista, adivinhara as suas possibilidades, reparara na mestria da sua caracterização.

Esse alguém era Nini Mondeau, directora da Companhia que se exhibe no Teatro de Lara, de Madrid.

Nini Mondeau não quis calar a sua admiração e convidou-o para ir a Espanha.

E o Leopoldo Lopes—espírito sedento de aventura—foi, viu, venceu e já cá está para...

—Diga-me, Leopoldo: o que o trouxe a Portugal?

—Um assunto importante, mas... secreto... No entanto...

—No entanto?

—Visto que fica entre nós... lá vai... Venho propor aos Comediantes de Lisboa uns espectáculos no «Lara» em troca de outros, no Trindade, dados pela Companhia da Nini.

—Sim?

—Admira-se? A questão foi abordada várias vezes por carta...

—Nesse caso tenciono regressar a Espanha...

—Claro! Provavelmente já leio a «Vida Mundial Ilustrada» em qualquer café da Carretera Baja.

—Não sabe quando partir?

—Não. Não gosto de pensar no dia de amanhã. Vou, quando me der na gana, e vim quando me deu na gana. Nem sequer a família sabia quando eu vinha... Limitet-me a telegrafar, dizendo: «Qualquer destes dias chego...».

— Bem impressionado com os vizinhos?

—Excelentemente! Têm-me dado possibilidades, carinho e... conselhos. Enfim, meu amigo, de Espanha só

posso dizer que tenha muitas saudades... e... não tarda que as não vá matar...

— Já se exhibiu em Espanha?

—Uma vez, num concurso de caracterização em que fui o segundo classificado. Nesse concurso, imitei Abilio Espinosa numa das cenas do 3.º acto da comédia «La Señora de Gonzalez», que já ultrapassou uma centena de representações... E assim fui premiado...

— Os meus parabéns!

O Leopoldo sorriu e continuou:

— Por ora tenho estudado, caracterizado e secretariado a Companhia. Mas...

A pausa do meu entrevistado e o sorriso feliz que lhe iluminou o rosto fizeram-me adivinhar uma revelação sensacional.

—...mas vou tomar parte numa das próximas comédias que subirei à cena no Lara, logo que termine a «eternée» pela provincia, que aproveitei para dar uma saltada a Portugal.

— Quanto tempo esteve você em Espanha?

— Os seis meses mais felizes da

minha vida, durante os quais aprendi muito de teatro e privei com os grandes vultos da comédia espanhola como Lola Alba, Maria Bru, Nini Mondeau, Amparo Sans, Espinosa, Polredon, Ribas e muitos outros...

— Não tenciono regressar definitivamente a Portugal?

— Quando tiver possibilidades de realizar um sonho doirado...

— Casar?

— Nini! Dirigir uma empresa teatral destinada exclusivamente a amadores.

— Bela ideia!

— Também acho...

Uma última gotada de café eolvejou o fundo da chávena.

O Leopoldo ergueu-se e deu por finda a nossa amena cavaqueira.

Já teria partido?

Não sei. O jovem artista, confiante em si próprio, certo de que saltava todos os obstáculos da vida, não gosta de ter certezas no futuro.

O amanhã para ele é uma interrogação. Mas uma interrogação cheia de esperanças, de ilusões e de vontade de vencer.

CARLOS RUAS



Nini Mondeau, a «descobridora» do nosso compatriota



Esta foto de Espinosa tem um amável dedicatório para Leopoldo Alves



No país vizinho, o nosso compatriota entre artistas seus amigos



Uma cena da revista «Veja lá se gostas», no qual Leopoldo Alves se destacou e que ocasionou a sua partida para Espanha





# EÇA DE QUEIROZ NO PENSAMENTO ESPANHOL

## Falam escritores e jornalistas de Espanha...

### \* DEZ REVISTAS DE LUIZ DE QUADROS \*

cas como a que Eça dedicou ao assassinato de Cínovas de Castillo no balneário basco de Santa Augusta.

Die alunda que poucas apresentam também tanta finura de juízo, de exactidão de dados, na selecção de feitos individualizadores, como a que éie e consagrou à morte de D'oraal em Londres. E o nosso querido amigo e companheiro continua:

— Inquieto, andarilho e curioso, onde quer que, na segunda metade do século XIX, esteve o interesse aliciente, ali esteve a mirada precavadora e inquiridora de Eça de Queiroz. É possível que o romancista e o humorista hajam ido escipando a glória, mais efémera. Porém, entre os seus melhores livros haverá que colocar sempre as suas crónicas de correspondente, que constituem uma lição perene de bom jornalismo, ágil, agudo e eficaz.

#### ROMAN ESCOCHADO

Além de fino e culto homem de letras é, presentemente, o dinámico Chefe de Produção da Rádio Nacional de Espanha. E como, por outro lado, é um dos mais prestigiosos elementos da nova geração que se distingue pela sua sincera amizade pelo nosso país, não podíamos deixar de lhe fr bater à porta em demanda de resposta a esta pergunta:

— Como vê José Maria Eça de Queiroz?

— Como pode ver-se Eça de Queiroz semão como o que exactamente é: — um dos maiores escritores europeus do seu tempo, dotado de um engenho e de uma força poética admiráveis!

Dentro d'este imperativo, desta realidade, confesso, contudo, que eu não vejo Eça de Queiroz como o viem muitos espanhóis e portugueses, quer dizer: como humorista, Vejo-o, sim, como um romântico, o que vem a ser precisamente o contrário. E quero dizer-lhe também, que o vejo, de certo modo, como um escritor espanhol. As suas viagens, e, sobretudo, o seu talento múltiplo e mundano, separam-no muito, externamente, dos escritores espanhóis da sua época. E que a sua fibra de escritor é coisa muito diferente das suas próprias palavras e do seu sorriso. É um fidalgo deste lado dos Pirinéus: um novelista e um romântico, podemos dizer peninsular, onde eoa uma Galiza sábia, que docemente quis contemplar o mundo exterior. Esta contemplação, repleta de inteligência, disfarça-as vezes, e se bem que não os tenha lido, não me estranharia que Eça de Queiroz houvesse detido escritos versos ternos na língua galaico-portuguesa.

#### FIGUEIROA D'OLIVEIRA

É o jornalista espanhol que mais profundamente conhece o nosso país e as suas gentes. É ainda, segundo cremos, o único experientista deste país que fala e escreve correctamente o nosso idioma. Mas como, além disto, é o brilhante romancista galaico de «O Famoso Diniz Soares», cuja tradução portuguesa se anuncia para muito breve, eis o motivo, por que fomos à sua taboada para que nos dissesse algo sobre o autor de «O Príncipe Basilio». E preguntámos-lhe:

— Que opinião tem sobre a personalidade literária de Eça de Queiroz?

— Na sua obra, como tenho repetido em diversos artigos, nota-se uma dupla personalidade: o realista, escritor de casta, e o magnífico idealista

sempre a assomar por entre a trama literária. É o homem que salta de «O Crime do Padre Amaro» à «Cidade e as Serras», de «A Reliquia» a «O Mandarim», de «Fronas Bárbaras» a «Últimas Páginas...». Qualquer personagem da sua criação é uma mescla de ente real e pura ficção idealista... A minha opinião poder-se-ia concretizar assim: Eça de Queiroz é um escritor com tanta personalidade como qualquer dos 15 ou 20 nomes gloriosos da literatura universal. Mas nunca poderá ser popular, por que o seu «modus faciendi» é próprio de «élites». E não é popular, simplesmente por que não utiliza os tópicos sentimentais. As personagens criadas por Eça morreram nos salões e nas Academias, abafadas, talvez, pela inteligente ironia do autor. O povo português compreendeu — e é capaz de vivê-los — outros romances que chegam a ser transmitidos oralmente de geração em geração. Repare, é o caso de «A Severa», «O Amor de Perdição», «A Rosa do Adro»... Com o nosso Eça não sucedeu o mesmo... No entanto, José Maria

Eça de Queiroz é o autor mais universalista da nossa literatura.

#### CAMILO JOSÉ CELA

Romancista jovem e fecundo. É o interessante autor do romance realista onde palpita o dramatismo profundo das gentes requemeadas pela terra e pelo sol impetuosos da Extremadura espanhola que se intitula «A Família de Pascual Duarte» — um dos maiores éxitos de livraria dos últimos tempos. Procuramos Camilo José no seio da «Juventude Criadora», o «Café Gijón», e pedimos-lhe uma opinião sobre o nosso Eça. A opinião de Camilo José Cella é esta:

— Creio que Eça de Queiroz é, com Gil Vicente, o expoente máximo da Literatura portuguesa de

(Continua na página 16)

Tomás Borrás, escritor e autor teatral

O poeta José García Nieto

José María de Vega, jornalista

Pedro García Suárez, escritor

O professor catedrático Emiliano Aguado

Camilo José Cela, escritor



# UM JUÍZO DE SALOMÃO



“Nada há de novo debaixo do Sol” é um ditado que se atribui a Salomão e uma grande verdade, como se vai ver:

Hoje em dia, após duros anos de guerra em que se exigiram os mais violentos esforços de máquinas de todos os tipos e potências, é opinião geral entre os especialistas de lubrificação que as características dos óleos pouco dizem quanto à sua eficiência — o que conta são os resultados na prática, o seu comportamento em serviço.

Modernamente é esta a opinião geral, mas houve tempo em que só a Socony-Vacuum defendia esta doutrina.

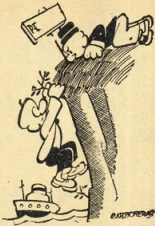
— Diremos, pois: “Nada há de novo debaixo do sol”, visto manter-se o Mobiloil no lugar que há muito tempo conquistou — o óleo preferido pela sua qualidade.



# GARGOYLE MOBILLOIL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2067



— Não leu, o senhor, o cartaz que anuncia de perigo.  
— Sim; acabo agora mesmo de colocá-lo.



O SENHOR BEM EDUCADO  
— A bôlta ou a vida!  
— As coisas podem-se por favor, cavalheiro; nunca se esqueça.



# ASSAÍ TEMPO



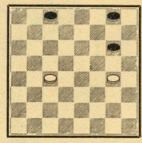
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Tôdo a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques 56 do Bandeira, 109, 3.ª — LISBOA

## DAMAS

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 18  
Por Bonifácio Augusto Gomes (Vila Viçosa)

Branças: 2 «pedras».



Preta: as 3 «pedras».  
Jogam as brancas e empatam.

PROBLEMA N.º 39  
Solução

10-13	14-19	4-7	8-15
31-2	29-3	3-12	2-20
1-5	16-23	24-32 (D)	
23-1	1-28	P.	e ganham

PROBLEMA N.º 40  
Solução

9-18	14-18	18-22	6-2
22-13	16-7	27-18	13-6
15-20	2-9	9-32	ganham.
23-1	24-15	P.	

«ESTRATEGIA DAMISTA»  
Num dos próximos números falaremos a respeito desta esplêndida revista de «Damas».  
SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

Rogério de Almeida (Amadora) e Arménio Alberto (Caparica).

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 48 (Concurso)  
Por Jorge de Sousa Costa Belo Correia (Viseu)

ENUNCIADO  
HORIZONTAIS: 1 — Dolmen (plur.); limite. 2 — Península da Europa. 3 — Comunica; pinheiro alvar; preposição. 4 — Interjeição que se emprega para chamar, ou para exprimir admiração ou surpresa; interjeição brasileira, usada pelos caçadores quando aculam os cães; cólera. 5 — O mesmo que roído; permanente. 6 — País europeu. 7 — Pedra composta de lâminas finas, com brilho metálico; vento do nascente. 8 — Interjeição; a lagariga dos lagares de vinho; malícia espiritrosa. 9 — Duas consoantes; nome da região tenebrosa que se estende debaixo da terra e por cima do inferno (mitologia); nota musical. 10 — Que tem cromo. 11 — Filiz; vigor.  
VERTICAIS: 1 — Sabor picante; fruto. 2 — Um dos princípios que comandavam os Hascichinos (por corrupção assassinos), mais conhecido pelo nome de Velho da Montanha (século XIII) (plur.). 3 — Planta ilicita da China; espécie de trigo, de que os antigos faziam uma bebida fermentada com a cerveja; nome de letra. 4 — Sopé; nome de mulher; unidade de trabalho. 5 — Vedação feita de ramos ou de varas entreceladas; validade. 6 — Devolta. 7 — Coisa fabulosa; espécie de mangueira do Gabão (plur.). 8 — Arma branca; o vencimento diário de um soldado; composição poética. 9 — O sol; aves galináceas brasileiras; nesse lugar. 10 — Enganaram-se. 11 — Órgão cilíndrico das carretas de artilharia; o mesmo que azetona.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 47

HORIZONTAIS: 1 — Cós; farelos. 2 — Abeto; alada. 3 — Vileza; ódio. 4 — Atam; costa. 5 — Do; enol; não. 6 — Trabalho. 7 — Rir; fios; at. 8 — Barot; saçu. 9 — Iate; orador. 10 — Adaga; amora. 11 — Mozaras; bar.  
VERTICAIS: 1 — Cavador; iam. 2 — Óbito; irado. 3 — Sela; tratar. 4 — Temer; rega. 5 — Fox; nato; ar. 6 — Acólito. 7 — Rir; obter; ra; 8 — Elze; assim. 9 — Ladin; adob. 10 — Odali; negra. 11 — São; obter.

## TORNEIO DE «DAMAS» DOS «AZES» DE LISBOA

Realiza-se no dia 2 de Janeiro do próximo ano o Início do 2.º torneio dos «Azes» de Lisboa, organizado pela Secção de «Damas» do Sporting Clube de Portugal, o qual se efectua na sede daquele clube.  
O director técnico da secção, nosso prezado amigo sr. Domingos de Carvalho Cabreto, leve a gentileza de nos informar que este torneio se disputa numa volta de 8 jogos, o que registamos com agrado, pois assim não se torna maçador a disputa do torneio.  
Este torneio é reservado aos 10 primeiros classificados do último campeonato de Lisboa. A inscrição está aberta até ao dia 22 de Dezembro corrente, na sede do Sporting Clube de Portugal.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 22

Por T. Ebdnd (Budapest)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 21

1. B—f0: Bonito sacrificio, dando uma fuga ao-R. ameaca 2. R—g4++.

SOLUCIONISTAS

Rogério de Almeida (Amadora) e J. L. Costa (Lisboa).

## PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 4

Por Armando Nogueira (Guiné)



ENUNCIADO

1 — Ecuado de palas. 2 — Rosto; carrancudo. 3 — Planta parecido com o abugueiro. 4 — Gula. 5 — Maneira. 6 — Regular. 7 — Bebidas. 8 — Súplica. 9 — Ameaçador. 10 — Canto. 11 — Gastar. 12 — Chupeta. 13 — Resquecimento geral da população.  
Resolvido este problema, encontrar-se-á na coluna 3, o nome e apelido dumha estrela de cinema.

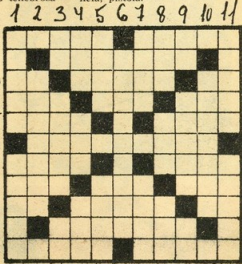
RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2

A	L	V	E	R	A			
R	O	T	I	V	E	R		
C	A	U	D	A	T	O		
L	A	B	R	E	F	O	L	
F	A	M	E	F	E	S		
F	A	M	E	V	L	S	O	
F	A	M	I	N	I	T	A	
F	A	V	E	L	I	C	A	
F	R	E	M	I	Z	I	O	
R	E	A	L	T	R	I	A	
R	E	A	L	T	R	I	A	
A	B	E	T	E	S	T	A	
D	I	A	L	I	S	E	S	
E	A	C	O	S	O	R	S	
F	A	R	A	S	E	R	V	A
F	A	E	T	A	N	A		
F	E	F	A	M	I	F	E	
F	A	B	R	E	C	O	A	
L	A	B	R	E	F	O	L	
F	A	R	E	V	A			

## HIROGLIFOS

Publicados em 6/12/945

Soneto; cavalaria; manada; á cá fora; lá dentro; Mário; caneta; pistola.



Medicinal pequena — tubo 11800  
Medicinal grande — tubo 17850  
Vulgar pequena — tubo 1800  
Vulgar grande — tubo 7800



À VENDA EM TODA A PARTE  
Caixa pequena..... 3300  
Caixa grande..... 8500  
Dep.º: COUTO, L. 4.ª — Porto  
L. S. Domingos, 168

É COM ESTE ENTUSIASMO, ESTA  
EXCITAÇÃO, ESTA VIBRANTE  
ALEGRIA, QUE BETTY ASSISTE A  
A ADORÁVEL «BASE-BALL» E  
UM DESAFIO DE «TEAM» E  
DA LARGAS AO SEU ENTUSIASMO  
ANTE A VITÓRIA DO SEU «TEAM»  
PREDILECTO!



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA EMENDA, 69 2 - LISBOA, TELEFONE 25844  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27